

Uma imagem de escola que conheço

João Pedro Dutra

Relato por entre os muros



Por que as escolas têm cada vez mais grades de proteção e muros mais altos? Hoje, fico me perguntando o que é que faz as escolas, principalmente públicas, escalonarem a instalação de grades, alambrados, cercas e fechaduras que muitas vezes se estendem sobre muros imensos e os fazem ficar ainda mais altos.

Tenho observado as escolas públicas das periferias do bairro em que eu nasci e fui criado, algumas delas inclusive em que já trabalhei como estagiário e/ou até já ministrei alguma atividade no mês da consciência negra. Conheço o interior de uma boa parte delas, e tenho percebido que de ano em ano as grades e os muros são sempre reforçados e estendidos.

Pergunto-me se aquelas grades são para separar o que está dentro do que está fora. Ou proteger o que está dentro? Ou aprisionar o que está dentro para que não saia? Proteger, segregar ou aprisionar? Sem uma

resposta entre as três funções, vejo e vivencio que essas três são de fato as funções das carapaças de concreto e aço, e elas variam em contexto e lugares, mas parecem aumentar progressivamente ao longo do tempo.

Numas das primeiras escolas em que trabalhei, a escola da foto, pude perceber com muito mais assertividade a demanda pela segregação. Por se tratar de uma escola no interior de uma favela, ficava esteticamente nítida a necessidade da escola se destacar, se separar visualmente da paisagem da favela. Como um grande obelisco de muros, grades e alambrados, a relação arquitetônica entre a favela e escola nos transmite uma impressão de um desejo exagerado de se separar, e uma vez que não se pode transferir horizontalmente, só restaria uma separação vertical contínua.

A sensação de habitar o interior desses espaços é como um sufocamento trancafiado. Não existe visão do horizonte, e quando tem alguma visão ela é esquadrihada pelas grades, alambrados e cercas. Prisões ou cavernas? O que difere uma caverna platônica de uma prisão é a questão de onde está aquilo que se tem medo, dentro ou fora?

Já na segunda experiência trabalhando em uma das escolas do bairro, pude, talvez, perceber outra função da carapaça escolar, proteger aqueles que estão dentro, daquilo que ocorre lá fora. Nessa ocasião, se rompeu um tiroteio na comunidade justamente no horário de entrada da escola, eu que estava a algumas ruas do tiroteio e algumas ruas da escola, corri para escola para me proteger do tiroteio. Lá estava uma pequena parcela dos alunos e funcionários. A tática de sobrevivência foi nos agruparmos todos nas salas mais profundas do prédio para que nenhuma bala perdida nos alcançasse.

No meio desse caos, algo muito interessante aconteceu junto do uso dos celulares, uma inversão pedagógica, logo naquela escola em que os alunos quase não possuíam voz nas salas de aula.

Enquanto estávamos nos organizando na sala, alguns alunos munidos de seus celulares, como grandes conhecedores da região e dos poderes que

o disputam, mostravam vídeos, fotos e notícias sobre o conflito que estava ocorrendo. Com o auxílio de seus celulares os alunos mostravam as cenas e explicavam às professoras e aos demais funcionários da escola o que estava acontecendo fora do muro, quem e quais siglas dos poderes estavam agindo, o quão perto ou longe da escola aquelas cenas aconteciam. Os funcionários agachados e retraídos, ainda com pavor dos barulhos e do terror que se espalhava pelo bairro, prestavam atenção, rodeavam os meninos e faziam perguntas aos alunos que, com seu conhecimento do local e portando seus celulares, ensinavam aos professores os saberes que adquiriram nas ruas e vielas por trás daqueles muros.

No fim, algo chamou a atenção e comoveu a todos, e se seguiu um breve silêncio sombrio, um dos baleados em meio ao confronto era um antigo aluno daquela escola. Conforme os alunos recebiam as imagens e as assistiam em grupo, logo se pôde perceber a presença daquele jovem adolescente sangrando. Parecia que um calafrio coletivo tinha sido sentido por todos, nesse breve e estridente silêncio sombrio, olhei no rosto daqueles jovens e senti medo pensando nos riscos de aquele infortúnio acontecer a um deles.

Talvez as grades acompanhem o crescimento da escalada da violência urbana do Rio de Janeiro. Talvez nem o céu seja um limite.

Sobre o autor:

João Pedro Dutra H. da Silva é fotógrafo, cientista social, mestre e doutorando em Ciências Sociais pelo PPCIS Uerj.